



A PRÁXIS NO PROCESSO FORMATIVO DE AGENTES SOCIAIS

Vivências artísticas como possibilidade de superação das violências



FICHA TÉCNICA

Realização

Projeto Caju Esporte Educação
Formação de Agentes Sociais

Coordenação

Crislaine Lima
Cristiane Narciso

Equipe de Elaboração e Organização dos Textos

Karina Avelar
Priscila dos Santos

Equipe Formadora

Karina Avelar
Priscila dos Santos
Estevão Nascimento
Caroline Luz
Nayla Oliveira
Raquel Souto
Marcia Cristina Silva

Agentes Sociais

Antônia Gerlene Alves Araújo de Lima
Daniele da Silva
Geiziane da Silva Rodrigues
Gilda Gonçalves Freire
Jaqueline Feitosa de Lima
Jessiane Fontineles Martins
Jéssika Santos Mota Lima
Kauanna Francinaire de Jesus Alve
Rosenir Tavares de Araujo



Dedicatória

Dedicamos esta produção em memória de
Maria de Lourdes Gonçalves Freire
e todas as mulheres do Caju.

Por Gilda Freire

Eu venho lá do Nordeste, uma história vou contar, sou de família muito grande estou no quinto lugar, na fileira de seis mulheres e três homens para completar.

Minha mãe mulher bem pobre, sem nada a oferecer, vivia da lavoura criava bichos para comer, meu pai mulherengo e viciado desolado sempre deixou os filhos a viver abandonados.

Grande mulher batalhadora era minha mãe sem esmorecer, lavava roupas para fora cortava lenha costurava dia e noite para nós dá o que comer.

A vida foi dura sem piedade, forçava a família trocar sempre de cidade, carregar tijolos barro e telha, fazer obra e até pedreira minha mãe era braba nordestina de primeira.

Sábia inteligente, colocou nós para estudar, na esperança dos filhos poder formar, enquanto meu pai bebia e com mulher ia vadiar.

Os filhos foram crescendo em meio ao sofrimento, o pai desaparecendo minha mãe sem trabalhar, novamente sem escolha tivemos de mudar.

A luta era tremenda sem nada comer e os filhos alimentar, minha mãe chorava todo dia sem poder nos sustentar.

Os duros anos foram passando, com oito filhos para criar não havia mais esperança a nossa terra agora tínhamos que deixar.

Minha mãe em retirada duas noites com três dias na estrada ia passar, trazia metade dos filhos a outra metade ia ficar.

No Rio de Janeiro onde ela veio parar, agora era faxineira diarista e outra luta ia travar, trabalhava dia e noite para seus filhos poder juntar.

Aos poucos foram vindos, e aqui se organizando a família toda junta em poucos anos foi ficando, uns se formando outros foram casando, minha mãe até neta já tinha. De homem tomou nojo nunca mais quis se casar resolveu viver sozinha até a vida terminar.

Agora a história que passo a contar tem alegria felicidade são momentos para se guardar, a mulher batalhadora arretada pra daná que lá do Nordeste saiu para no Rio de Janeiro morar.

Mulher braba determinada trabalhou até 72 anos, metade da vida foi camelô trabalhava por amor. Mesmo aposentada sempre dizia que nunca ia parar pois não queria enferrujar.

Minha mãe era engraçada fazia comédia da desgraça da alegria da tristeza e da pobreza, ela amava a família, era sua maior riqueza.

Determinou em vida para seus filhos, que desta terra jamais sairá, nem mesmo depois de sua morte para o nordeste irá voltar, que joguem suas cinzas no mar para aqui se eternizar.

Tinha muito medo da morte, queria viver cem anos, mais um vírus maldito encerrou seus planos, foi no ano de 2020 que a vida mudaria, e ela parece que sabia que seu dia chegaria.

Gravava vídeos no WhatsApp, ouvindo músicas românticas, mandava para todos os filhos em forma de despedida ninguém imaginava ali a história estava traçada.

Mulher brava nordestina guerreira por natureza enfrentou a vida com nobreza. Aqui deixou saudade, lembranças e ensinamentos, não fraquejou um só momento, nem em pensamento.

Aqui termino meu conto com os olhos cheio de pranto, coração partido de saudade tendo que ver a realidade. Eu vivi para ver muita gente morrer sem saber se proteger, um vírus invisível de tamanha devastação levou minha mãezinha sem nem uma explicação FIM!



SUMÁRIO

8

APRESENTAÇÃO

10

ATIVIDADE:
MULHERES DIVERSAS, NUNCA DISPERSAS

16

ATIVIDADE:
CONTANDO HISTÓRIAS DE MULHERES
DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

43

ATIVIDADE:
DA FAVELA E DO ASFALTO -
CONHECENDO A REDE DE PROMOÇÃO
E PROTEÇÃO ÀS MULHERES

49

REDES NA FAVELA

51

REDE NO ASFALTO

57

CONSIDERAÇÕES FINAIS

58

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
E FONTES DE PESQUISA

Apresentação

Apresentamos a todas(os) parceiras(os) e públicos interessados a II Cartilha de orientação do Projeto de Formação de Agentes Sociais, que faz parte do Projeto Caju Esporte e Educação realizado pela Fundação Gol de Letra e patrocinado pela Petrobras, por meio do Programa Petrobras Socioambiental. Este material tem como objetivo apresentar de forma objetiva a metodologia de trabalho, a partir das experiências formativas, com as Agentes Sociais e os respectivos resultados desse processo através das produções destas mulheres.

Esse material é fruto do desenvolvimento de atividades que permearam a temática dos 21 dias de ativismo pelo fim da Violência contra a Mulher. A violência doméstica é hoje no Brasil a principal causa do feminicídio. Diante de tantas notícias alarmantes sobre este fato e de legislações vigentes, algumas mulheres vivem sob a pressão violenta, que pode se expressar de diversas formas, e não conseguem procurar apoio para o rompimento desta situação delicada.

Assim, foi fundamental além de trabalhar a temática da violência, construir uma metodologia participativa com as agentes sociais, que considerasse a violência contra a mulher e as suas expressões no cotidiano das mulheres, mulheres negras, mulheres moradoras de favela, mulheres na pandemia.

Para isso as atividades foram realizadas de forma integrada, no período de agosto a novembro de 2021, pensando a violência contra a mulher, as formas de enfrentamento de maneira coletiva e a expressão artística da temática, a partir de oficinas expositivas, de atividades práticas e de oficinas artísticas.

Assim, o material que têm em mãos, visa não apenas apresentar os resultados obtidos a partir das experiências formativas, mas servir de subsídio metodológico para a formação de mulheres no desenvolvimento da temática de Violência Doméstica e Familiar. A quem interessar, essa pode ser uma jornada de muita aprendizagem e reconhecimento das potencialidades preexistentes nas vivências cotidianas.

Vocês estão prestes a mergulhar na percepção escrita e artística das mulheres em formação, trazendo um olhar diferenciado e cuidadoso para as nuances da violência: as tipologias, canais de denúncia, aonde recorrer para apoio dentro e fora da comunidade. A cartilha se desdobra em uma pesquisa de campo que traz relatos vivos. E mostra uma apresentação contada em forma de cordel, desenhos, poesias e textos produzidos de forma autoral e inédita pelas agentes sociais.

Boa leitura!

ATIVIDADE:

Mulheres Diversas, Nunca Dispersas

Formadora: Priscila dos Santos

Dando espaço para o tema “21 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres” as agentes sociais se debruçaram em oficinas que nortearam o tema, realizaram ações com o objetivo de conscientização na erradicação da violência contra a mulher.

Entendemos a importância dos dias de ativismo dado marco histórico que permeia as semanas do ano e consideramos nessa formação trabalhar a perspectiva da dupla vulnerabilidade da mulher negra. A semana acontece no Brasil entre os dias 20 de novembro e 10 de dezembro, considerando assim as particularidades estruturais na Luta pelo Fim da Violência Contra a Mulher Negra, maior vítima diante as estatísticas do feminicídio dentre outras violências.



O foco principal foi reunir dados e mecanismos legais que coíbam a violência de gênero e também, avaliar os avanços e retrocessos no que tange as ações de enfrentamento à violência, como a eficácia da Lei Maria da Penha, foram os norteadores desse processo. Neste sentido, buscamos a conscientização do grupo entendendo que campanhas como essas são fundamentais para fomentar o debate sobre políticas públicas de prevenção à violência e a diálogos pertinentes no combate à violência.

As agentes sociais participaram de oficinas para trabalhar a temática e como culminância dessa trajetória, criaram um cordel e fizeram desenhos que representam o sentimento das mesmas com relação aos temas abordados. Dentre os temas, destacamos: lugar de fala, privilégio, violência, gênero, masculinidade tóxica, dentre outros.

A cada tema abordado, a cada descoberta, as agentes sociais se permitiram a imersão no mundo artístico, conduzido nas oficinas de expressão artística com foco na temática. A união de todo esse conteúdo, virou um vídeo que foi exposto nas redes sociais como forma de fortalecer a causa e disseminar a informação e será apresentado a seguir.

CORDEL "21 DIAS DE ATIVISMO DA NÃO VIOLÊNCIA CONTRA MULHER"

**Por Daniele Silva, Fran Alves, Gerlene Araújo, Geiziane
Rodrigues, Gilda freire, Jéssika Mota e Jaqueline Feitosa**

Essa história vou contar com vontade explicar
São 21 dias de ativismo, com datas para lembrar.
Trata-se de mobilização para falar de escravidão,
dizer que violência contra mulher agora tem solução.
A Campanha é internacional coisa assim não tem igual,
fala de violência de intolerância e desigualdade social.
A lei Maria da Penha no 5º artigo estar,
conceituando violência doméstica familiar.

Causando dor e sofrimento físico e moral.
Mexendo com psicológico e a mulher faz muito mal.

Baseada em violência de gênero que pode até matar,
Ainda tem os patrimônios que dessa mulher pode tirar.

A violência psicológica é um ato de humilhação.
Deixa a mulher impotente sem nenhuma reação.

E quando o homem manipula e não deixa ter opinião.
Quando ele ameaça sem bater,
já causa muita dor fazendo ela sofrer.

O abuso sexual muito mal pode causar,
Na vida da mulher um trauma se instalar.

Se achando o dono do poder
usando o corpo da mulher para se satisfazer.

É muito importante se conscientizar,
Que no casamento o homem também pode abusar.
Fazendo sexo sem consentimento sem a mulher poder falar.

A violência moral são xingamentos, calúnia ou difamação,
Exponde a mulher a uma má situação.
Da comunidade e do Asfalto

Mas a lei a protege de tamanha humilhação,
mulher merece respeito e também proteção.

Violência física é quando o homem valentão,
agride a mulher com soco e empurrão
Deixando marcas em seu corpo e também no coração.

Pensa que não tem lei para esse tipo de agressão?
Mal sabe ele que a mulher tem proteção,
Está na lei Maria da Penha e dá até voz de prisão.

A violência patrimonial é quando há retenção ou subtração,
deixando de pagar pensão ou cometendo extorsão,
Impedindo a mulher ter poder de aquisição.

O feminismo nos traz muitas reflexões,
E uma delas é em relação aos machões,
Que acham que a mulher não tem direito de pilotar carrões.



Acesse o texto declamado
pelas agentes sociais

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: COMO PROCEDER?

**Por Jéssika Mota, Jaqueline Feitosa (Aline),
Jessiane Fonteneles,**

Segundo o “Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020”, 35,5% das mulheres que sofreram homicídios dolosos em 2019 foram vítimas de feminicídios. No entanto, o mesmo Anuário aponta que, entre 2018 e 2019, a taxa de feminicídios por 100 mil mulheres cresceu 7,1%; enquanto este Atlas indica que a taxa de homicídios femininos dentro das residências diminuiu 10,2% no mesmo período.

Atualmente segundo dados da Folha de São Paulo o Brasil registrou oficialmente em 2020 a morte de 1.338 mulheres por sua condição de gênero, 78 delas do Estado do Rio de Janeiro que ocupa o 5º lugar no ranking da violência contra mulher. Os números mostram que este tipo de violência tem trilhado uma trajetória alta e que o feminicídio cresceu 8% de 2018 para 2019, de acordo com dados atualizados

O Bairro do Caju, localizado na zona portuária do Rio de Janeiro, é um local já estigmatizado pela violência devido à presença do tráfico de drogas, e consequentemente sofre também com a violência contra mulher pela ausência de políticas públicas que atendam suas necessidades. Muitas mulheres que sofrem violência têm que deixar sua residência para fugir de seus agressores, e por isso torna-se cada vez mais urgente que tenhamos uma rede de apoio para acolher essas mulheres.

Vale ressaltar o quanto é necessário um olhar para todos os atravessamentos do que é ser mulher na sociedade, como a raça e a classe, e que a maioria dos casos de violência é praticada por companheiros/ex-companheiros parentes ou conhecidos. Esses fatos só reforçam a importância das políticas públicas voltadas ao enfrentamento da violência contra a mulher e do fortalecimento da proteção.

A violência doméstica não é caracterizada apenas por agressão física, e existem outros modos que a configuram. Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra mulher na Lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.

Violência Física: Entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade física da mulher.

Violência Psicológica: É considerada qualquer conduta que: cause dano emocional e diminuição da autoestima; prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento da mulher; ou vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões.

Violência sexual: Trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

Violência patrimonial: Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

Violência Moral: É considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

É importante que a mulher vítima de violência saiba que está vivendo uma situação de abuso para que possa ser acolhida, ouvida e encaminhada aos serviços competentes que oferecem chance de uma melhoria de suas condições de vida. Daí a importância do trabalho de conscientização com as mulheres de nosso bairro. Outro ponto importante além de um trabalho de conscientização é uma escuta qualificada e o direcionamento correto das demandas apresentadas por essas mulheres. Por isso se faz necessário uma rede de apoio consistente.

ATIVIDADE: **CONTANDO HISTÓRIAS DE MULHERES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Formadora: Karina Avelar

Foram realizadas oficinas para refletir sobre os impactos da pandemia da covid-19 na vida da população brasileira e as estratégias de sobrevivência das populações mais pobres. A partir das exposições e trocas com o grupo de mulheres observamos que a pandemia agudiza desigualdades sociais histórias deixando a população ainda mais pobre. A fome, uma realidade em muitas favelas e espaços populares no Brasil, alarga as fileiras no cotidiano das famílias, assim como o desemprego e as condições precárias de vinculação trabalhista.

Algumas oficinas se debruçaram sobre como a vida das mulheres foi impactada nesse período, com um olhar específico às moradoras do Complexo de Favelas do Caju. Vimos nos dados, mas também nas vivências comunitárias, que o isolamento para algumas mulheres representou a prisão com o agressor, afastadas de suas redes comunitárias de proteção, outras, por sua vez, perderam parcial ou totalmente suas fontes de renda. A sobrecarga de trabalho doméstico e cuidados com familiares foi ainda mais presente, com o fechamento das escolas e projetos sociais.

Para trabalhar os conteúdos teóricos expostos nas oficinas, as agentes sociais foram convidadas a pensar a trajetória de algumas mulheres, moradoras do Caju, no decorrer da pandemia. Para isso, foi proposto a realização de entrevistas durante uma semana. Para tal, trabalhamos na formação, como montar um roteiro de entrevista, e selecionar o perfil do público-alvo a ser entrevistado. Listamos perfis de mulheres de acordo com o tipo familiar (mães solas, em família nuclear, em família homoafetiva), com a condição de trabalho (desempregadas, empreendedoras, professoras), com o local de moradia (ocupação popular).

Foram estimuladas a trabalhar em duplas e criarem um ambiente de entrevista acolhedor e receptivo às mulheres entrevistadas. Durante todo o processo tiveram a supervisão e orientação da equipe formadora. Cada agente social escolheu livremente as suas entrevistadas, em sua maioria eram mulheres com alguma aproximação pessoal e/ou vínculo comunitário. Nesse sentido, foi

importante orientar às agentes sociais que respeitassem as respostas dadas no momento da entrevista, mesmo que conhecessem outros aspectos da vida da mulher a partir de uma relação de confiança estabelecida no seio comunitário.

Realizamos, com isso, entrevistas com 9 mulheres diversas. Conhecemos, a partir das histórias, um lugar de vivências extraordinárias e mulheres de Luta e Resistência. O que marca essas histórias são quase dois anos de uma pandemia devastadora, que afetou as áreas mais pobres do Brasil e, como já é sabido, os impactos na vida dessas mulheres não são de agora, mas se intensifica de forma devastadora. A Fome, a escassez de recursos básicos, infraestrutura precária, desemprego, dificuldade de acesso à saneamento básico tornaram-se fatores de ainda mais preocupação na vida das famílias do território.

O resultado desse trabalho pode ser conferido a seguir. Cada agente social criou, a partir de suas percepções e anotações das entrevistas, escritas para contar a história de cada uma das mulheres entrevistadas. Algumas agentes trazem para as trocas em grupo a semelhança das vivências com seus cotidianos, tornando a produção da escrita ainda mais emocionante. Criaram ainda, a partir das oficinas artísticas, desenhos que representassem as mulheres entrevistadas.

Observamos com a realização dessa atividade um importante instrumento metodológico para o conhecimento das vivências territoriais e para cunhar estratégias coletivas de mobilização comunitária. O acúmulo formativo até aqui possibilitou que as agentes se vissem no lugar de transmissoras de informação e conhecimento, identificando a partir das vivências particulares das mulheres entrevistadas, fatores que impactam outras vidas na comunidade.

Agora, vamos conferir um pouquinho dessas histórias. Importante destacar que cada agente social escolheu o gênero textual que mais lhe fosse confortável para contar as vivências das mulheres. Foram orientadas por outros integrantes da equipe quanto ao formato da escrita, concordância e uso correto da ortografia.

Boa leitura!



UMA MULHER DE FORÇA

Por Daniele Silva

Uma mulher que não tem medo de dar a cara à tapa pela comunidade. É assim que a Rosângela, presidente da associação de moradores do Parque Conquista, uma das comunidades mais carentes do bairro do Caju, se define.

Imigrante do Piauí, região nordeste do país, ela veio direto para morar no Parque conquista e desde então se passaram 33 anos. Está à frente da associação de moradores há 10 anos e já trabalhou de carteira assinada em um restaurante. Mãe de 5 filhos e avó de 6 netos, Rosângela, mulher negra, se sente grata por tudo que aconteceu em sua vida e diz ter sua consciência tranquila em relação ao trabalho prestado à comunidade, sempre com transparência e dignidade.

A associação de moradores da qual é presidenta não recebe nenhuma ajuda financeira direta e conta com suporte de ONGs e projetos sociais aos quais ela dá suporte em articulações comunitárias. Diz também que algumas empresas que ficam no Caju ajudam nas ações da associação. Ela acha que o trabalho deve ser valorizado pela comunidade, pois tudo é feito de forma voluntária. Às vezes ela se sente sozinha, e acredita que trabalhar em parceria com outros representantes da comunidade faz toda diferença.

Sua comunidade, apesar de ser uma das menores no Caju, é a que enfrenta as maiores dificuldades do bairro por ser próxima a usina de reciclagem e abrigar diversas ocupações irregulares. Essa realidade é complicada, porém Rosa, como prefere ser chamada, não tem como intervir, pois isso é uma esfera do poder público municipal. A única coisa que ela pode fazer é tentar diminuir o sofrimento das pessoas levando até elas algumas ajudas que recebe das ONGs.

Apesar das complicações que ela enfrenta ao receber vários “nãos” e ter que lidar com a fome, a falta de saneamento básico e a precariedade em sua comunidade, Rosa ainda encontra forças para ajudar aos seus amigos e familiares que também residem no Caju. Ela diz que a sua dedicação pela comunidade é herança dos “mais velhos” que, em sua juventude guiaram seu caminho para ser o que ela é hoje. E carrega na memória a garra de sua mãe e tudo que ela a ensinou.

Com a pandemia, os desafios se intensificaram nos enfrentamentos dessa dura realidade já vivenciada pelos moradores. Rosa teve que se reinventar e se adaptar a novas rotinas, pois, nesse momento seu trabalho junto a comunidade se tornou essencial. Para conseguir alimentos, máscaras, álcool em gel e produtos de limpeza e higiene pessoal, que ajudaram e, ainda ajudam a comunidade a passar pela pandemia da covid-19.

“Apesar da pandemia não ter acabado as ajudas diminuíram, mas as necessidades permanecem e estão ainda piores”. É o que o que nos conta Rosa ao relatar sobre seu trabalho na comunidade. As pessoas continuam sem trabalho, as crianças tem dificuldade de ir pra escola, os adultos não conseguem dar continuidade aos estudos e a fome não passou.

Mesmo com todas essas dificuldades, Rosa não desanima. E nos conta sobre as doações que conseguiu com empresas e comerciantes locais para a realização da festa do dia das crianças. Afinal “o não eu já tenho, eu vou atrás do sim! “. E, por um momento, ela pode se alegrar e ver alegria em sua comunidade após 1 ano e 7 meses de pandemia.



IMPACTO DA PANDEMIA NA FAMÍLIA DE PERIFERIA

Por Gilda Freire

Mulher, mãe e professora cria da favela.
Veio nos contar um pouco do conto dela.
Alegre, forte, inteligente.
Nos traz um conto de superação
com o coração cheio de emoção.
Vamos falar de pandemia, de perdas, de superação.
Tudo de forma leve e com muita gratidão.

Mulher de comunidade.
Educadora infantil.
Nos relata como foi ser professora em tempo tão hostil.

Em casa não era diferente.
Teve que dar aula para o filho adolescente.
O marido perdeu o emprego, durante a pandemia.
A renda seria somente a dela.
Que grande agonia!

Mulher forte estudada e bem estruturada.
Na família ela sabia que seria apoiada.
Não buscou doação de alimento.
Ela tinha conhecimento da distribuição.
Nas ongs da favela tinha mutirão.
Mas, consciente, ela sabia que tinha gente
mais carente sem alimentação.

Falar da pandemia, na sala de aula agora teria
Que fazer com sabedoria.
As crianças não podiam mais se abraçar.
O espaço agora teria que se criar.
Entre mesas e cadeiras,
Mascaras todos deveriam usar
Para não se contaminar.

Com jeito foi falando, e aos pequenos explicando
Que agora era o momento de manter o isolamento.
Mulher sabia estudada, que na favela foi criada
Conta como foi manter as crianças separadas,
Sem poder se aproximar.
O mais difícil foi e faze-las entender.
A prioridade agora era viver.

Nesse período tão difícil.
Foi mãe, professora, mulher e dona de casa.
Ficou sobrecarregada, e ainda isolada.
Se resguardou com segurança.
Sem sair de casa para não ser infectada.

A maior dor que a covid a causou
Foi perder seu velho pai, como ela relatou.
Foi tudo muito rápido, em poucos dias se infectou.
Passou mal, foi para o hospital e não mais voltou.
Foi levado pelo vírus e a saudade ele deixou.

Um homem honesto e trabalhador.
No Caju a vida inteira morou.
Aqui criou os cinco filhos e todos com caráter ele formou.
"Foi a maior herança que o meu pai nos deixou".
Com o coração cheio de amor essa história ela contou.

E para terminar, ela relata com gratidão,
Mesmo com tamanha dor no coração.
Estar viva é uma benção apesar de tanta aflição.

Esse é um conto de mulher, guerreira da comunidade.
Que supera as adversidades.
Na favela tem mulher forte, com muita história boa,
Cheia de qualidade e de imensa intensidade.



Por Geiziane Rodrigues (Dinha)

“ [...] PRIMEIRAMENTE VOCÊ SOBREVIVEU ESSE TEMPO TODO SENDO UMA TRAVESTI, PERIFÉRICA, EM UM PAÍS TRANSFÓBICO, VOCÊ CONSEGUIU REALIZAR SEUS SONHOS.”

e assim se declara a Katiaa Dami do futuro. Essas são as palavras para a mulher do agora, orgulhosa de si e de sua trajetória.

Katiaa tem 23 anos e é artista desde muito nova, em 2012 acompanhava as quadrilhas juninas do Caju e no mesmo ano teve seu primeiro contato com a arte em um projeto social chamado Usina de Cidadania. Apesar de ter ficado pouco tempo, por conta do fechamento do projeto, marcou sua história artística, que não parou mais. Passou por diversos projetos em sua comunidade, onde fez teatro, dança, tecido, grafite e percussão.

Antes da pandemia começar Katiaa era uma das organizadoras do Slam Caju. Uma competição em que poetas leem ou recitam um trabalho original. Trabalhava de forma independente como maquiadora e participou de um ato na Cinelândia sobre visibilidade trans, que foi muito importante para ela “Travesti é muito marginalizada, eu me declaro trans e outras mulheres trans falam que eu sou travesti porque eu tenho aspectos masculinos, no próprio meio tem muito preconceito”, completa.

Katiaa se identifica como pansexual, a atração sexual, romântica ou emocional em relação às pessoas, independentemente de seu sexo ou identidade de gênero, “estou amando pessoas e pessoas vem me amar.”

Ela conta que sua maior inspiração foi sua mãe. Em nossa conversa, Katiaa fala sobre seu sobrenome “Dami”, uma homenagem ao nome de sua mãe, Damiana, um exemplo de força e resistência para ela.

“Ninguém sabe a origem da minha mãe, ela veio ‘fugida’ de Pernambuco pro Rio de Janeiro por que naquela época, engravidou, tinha que casar. Minha mãe teve dois filhos e veio pra cá

[Caju] para não ter que viver aquela vida machista do interior. No total, éramos 7 filhos, sendo que um foi morto pela polícia em 2015 com um tiro no peito. Foi um caos. Durante esse período, minha mãe ficou desempregada, ficou depressiva e começou a beber compulsivamente. Foi um caos, abalou todo mundo. Mas a gente sobreviveu.

Outra queda na minha vida foi em 2018, com a perda da minha mãe e hoje em dia a gente tá aqui, eu, meu pequeno [o irmão mais novo]. E minha irmã e tem a outra irmã que veio depois de mim aqui no Rio.”

Katiaa passou a ser referência de mulher e cuidados em sua casa. Perdeu seu pai aos 6 anos de idade e, com o falecimento de sua mãe, ficou responsável por criar seus irmãos. Conta que faz tudo com inspiração em sua mãe e o quanto ela faz falta. Diz que em sua transição de gênero o apoio de sua mãe foi fundamental: “desde 2017 já me vestia como mulher na frente da minha mãe e ela aceitou desde do início. Ela sempre me via assim [vestida como mulher] e ela dizia: ‘meu filho é artista!’” Katiaa traz essa lembrança com muita emoção, sempre colocando a mãe em seu lugar de referência e força para manter a família, sempre com muito orgulho.

Mas criar os filhos e filhas na favela não é pra qualquer uma. Além do preconceito social por ser uma mulher trans, a violência policial também marcou suas vidas. Katiaa lembra de um episódio em que “[...] os policiais invadiram o hospital [o antigo Instituto Estadual de Infectologia São Sebastião - ocupado pelos moradores para acesso a moradia] chutaram a porta e minha mãe bêbada falou: ‘O que foi que você quer como o meu filho? Meu filho é artista, quer ver?’ Ela pegou meus diplomas pra mostrar e falava ‘aqui ó meu filho é artista respeita!’”.

É relembrando das histórias de sua mãe em vida que Katiaa enfatiza “É MUITO DIFÍCIL NA COMUNIDADE TER MÃES ACOLHE-DORAS. MINHA MÃE FOI MINHA BASE.”

Essa construção foi tão fundamental que, hoje, Katiaa sobrevive a pandemia com a mesma garra da mãe para a superação dos desafios cotidianos. Ela conta que a chegada da pandemia

impactou muitas coisas em sua vida, principalmente seu emocional. “Foi uma época em que todo mundo estava ficando em casa, e eu estava ficando doida, fiquei com ansiedade por que, sabe como é ter irmão adolescente... E eu tive maior discussão com a minha irmã pra ela não sair pra rua e ter a consciência de usar a máscara [...] Lá onde eu moro não dá pra fazer o isolamento por que é um cubículo. Graças a Deus eu vou me mudar, mas lá é pequeno não tem porta pra nada e o banheiro é coletivo (...) Não tem como separar o talher, essas coisas, fiquei meio ‘noiada’ (...) e comecei a fazer o que ela [se referindo a irmã adolescente] fazia, comecei a sair [...] E também impactou muito no financeiro por que, antigamente, os outros tinham dinheiro pra fazer maquiagem final de semana, era meu trabalho.”

A situação de moradia de Katiaa foi e é um desafio. Em condições insalubres de moradia e sem condições adequadas de isolamento, teve que conviver também com a dificuldade em se alimentar. Ela, então, explica como foi se manter financeiramente nesse período: “Com o dinheiro do governo (auxílio emergencial) e o bolsa família e com ajuda do projeto Cria e das ONGs Gol de Letra e Artes Salva Vidas.”

Adquiriu também novos hábitos por causa do coronavírus, “O hábito de higienização. Peguei o hábito de ler e de criar, de querer saber e de estudar. Fiz uma autoanálise e fiz uma reconstrução de Katiaa.” Como aprendizagem

“Eu comecei a ver mais meus filhos [se referindo aos irmãos], prestei mais atenção, me dediquei e me aproximei mais deles.”

Diante disso tudo ela mantém a esperança no futuro, “Eu pretendo lançar um EP, fazer um pré-vestibular e pretendo fazer uma faculdade para estudar Direito.” e para a Katiaa do futuro ela diz: “Primeiramente que você sobreviveu esse tempo todo sendo uma travesti, periférica em um país transfóbico, você conseguiu realizar seus sonhos, você lutou por eles, você é muito maravilhosa e eu tenho orgulho de você.”

E nós também temos muito orgulho de dividir um pouco dessa história com todo o Caju.



O PIOR DE ANTES É MELHOR QUE O DE AGORA

Por Jaqueline Feitosa (Aline)

Sou uma mulher casada a mais de 20 anos tenho quatro filhos. Na minha casa, tem muita gente. Não ache que eu falando assim, tenho qualidade de vida, pois vivo exatamente o contrário: Todos esperam por mim. Sempre me vejo perdida e obrigada a ter que fazer tudo fora e dentro de casa. Pois não consigo pedir que qualquer pessoa faça algo e isso me sufoca. De alguma maneira, eu até consigo dar conta da casa e fazer as coisas, mas depois descubro que descuidei de fazer algo, como cuidar de mim e da minha saúde que não se encontra nada bem. E isso me atrapalha, porque não sou como as outras. Eu sou diferente de alguma maneira. E esse mundo de todos, não é um mundo pessoal, é o meu mundo, minha casa é a minha vida, então é minha decisão. Eu decido fazer ou não. Tento ser sempre boa, mas não é o bastante.

Como se não bastasse essa minha vida, que nunca foi fácil, desde infância trabalhei em serviços pesados. Eu cortava lenha e carregava água na cabeça.

E em meio à pandemia, nossa! Como minha vida mudou! Meu marido ficou desempregado, e sem ter nenhuma renda, tive que começar a catar alimentos no lixo, para assim todos poderem, de alguma forma, sobreviver. E como de costume, sempre eu para tudo! Alguns sentem vergonha de buscar esses alimentos, mas eu já vejo como uma salvação. Dou graças á Deus por ter onde buscar.

Fico triste com tudo que vejo em minha casa, filhos grandes, criados e que não foi nada fácil. Minha vontade era que eles dessem o devido valor ao que eu nunca pude ter, mas tinha a imensa vontade em fazer: Os estudos, mesmo eu me desdobrando, passando por cima dos meus problemas de saúde, fazendo o possível e o impossível, infelizmente eles não querem ter o que eu tanto quis e não consegui.

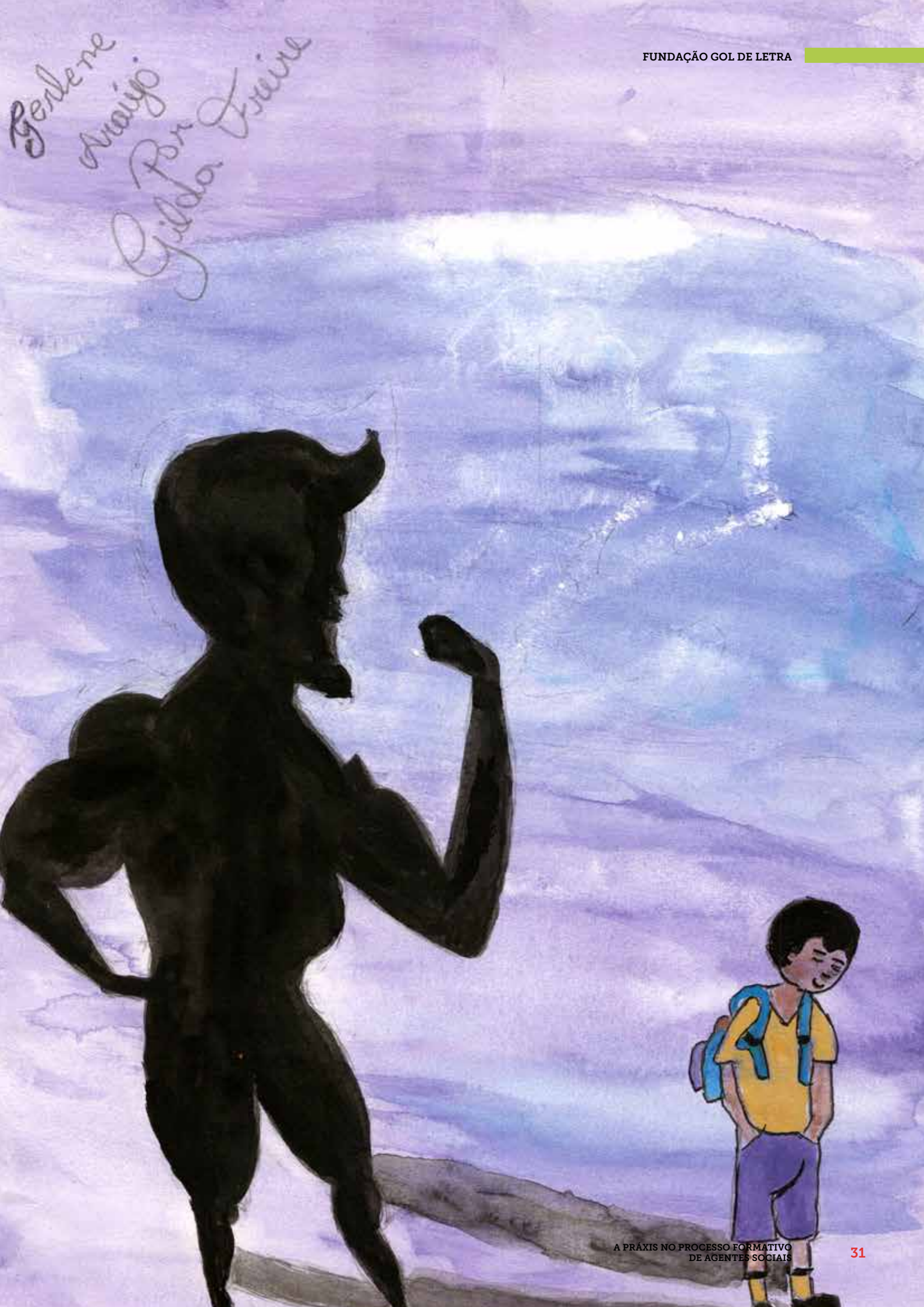
Espero que tudo isso acabe logo e essa doença maldita vá logo embora. Nunca tive muito, mas pra mim, já era muito o meu marido trabalhar e o alimento não faltar. Vejo-o sempre triste, ali, naquele sofá vendo tv, noite e dia, quando vai deitar lhe falta o sono e me fala das suas preocupações. Sua maior vontade é voltar a trabalhar, mas não consegue encontrar o tão sonhado e esperado novo emprego. Ele só queria a sua dignidade de pai de família de volta.

Eu, quando olho a vida que vivo e tudo que estou tendo que suportar nessa pandemia, com minha família toda a esperar por uma solução, que tenho conseguido no lixo, se torna uma espera sem fim.

Ah se eu pudesse voltar àqueles tempos de carregar lenha, cortar palma, andar quilômetros com um balde de água na cabeça. Mas o alimento não me faltava.

Não é uma história bonita e nada se realiza. É como um tormento. Eu, devido a essa pandemia, estou contando os dias à procura de ainda achar a ajuda para que ele volte a trabalhar. O dinheiro que ele ganhava dava para as nossas despesas e hoje não tenho quase nada.

Sim! Ao fim de todos os dias agradeço a Deus por estarmos todos aqui bem. Nos faltou o alimento, mas em momento nenhum, saúde.



AS DORES QUE NINGUÉM VÊ

Por Gerlene Araújo

Em um mundo dominado pelo capitalismo, onde muitos têm tanto e outros não tem nada ou quase nada, nos deparamos com inúmeras situações de muita fome e pobreza. Onde muitas pessoas precisam viver de pequenas ajudas oferecida pelo governo, como Bolsa Família e Auxílio Emergencial. Toda essa desigualdade social dói. Dói naqueles que tem fome, que tem necessidades, que vêm seus filhos pedirem alimentos e não podem dar. Dói, porque a cada dia que passa as coisas ficam mais caras e mais difíceis. Roupas agora é luxo! O importante é comer.

Convivendo com essas histórias, deparo-me com uma que me chamou bastante atenção, uma mãe de família desempregada, com quatro filhos, moradora da comunidade do Caju há 10 anos, vivendo unicamente da ajuda do governo, com uma escolarização que não atende as exigências do mercado de trabalho e que, por ter filhos pequenos, nada consegue. Essa mulher, que batalha para fazer bicos que proveem o sustento de sua família, viu tudo piorar em meio a essa pandemia, o que já era pouco, agora é quase nada. E o sofrimento só aumenta.

Por várias vezes em que essa mulher tentou contar sua história, vimos lágrimas tomarem o lugar das palavras. O sofrimento vem, se mostra, e ela já não consegue dizer o quanto tudo isso dói. Quando pergunto o que mais causa sofrimento, vejo que a falta de um emprego marca sua trajetória. E ela diz que não ter o que dar para seus filhos comerem e nem ter um lugar melhor para morar são as situações que a fazem sofrer mais, por isso deseja terminar seus estudos para arranjar um emprego e dar melhores condições de vida para seus filhos.

Quando falamos sobre as condições de moradia ela conta que sua casa é feita de madeira, com três cômodos e um banheiro, em local de ocupação. Ela foi morar lá, já grávida do seu primeiro filho ainda adolescente, depois que sua mãe se mudou do Caju. Após o nascimento da criança se tornou mãe solo, e veio a constituir novo relacionamento afetivo após um tempo depois. As lágrimas, por várias vezes, perpassam o seu rosto. Ao falar da sua mãe que vive longe e por não ter mais apoio de nenhum familiar. Relata sobre as ajudas que recebeu de projetos sociais do Caju e o quanto é grata por tudo isso, porém, precisa de mais, pois não tem seus direitos assegurados e muitas vezes nem entende quais são seus direitos.

Ser mãe muito cedo trouxe muitas responsabilidades. Hoje senti enorme peso da sobrecarga que tem a vida de uma mãe solo. “Não me sinto mais mulher, estou cansada, sobrecarregada, não lembro da minha infância”. Toda essa realidade piorou com a pandemia, agravando os problemas já existentes. Quando conversamos sobre o isolamento social ela diz ter sido impossível, devido a falta de espaço e condições sanitárias para fazê-lo.

Ao final de nossa conversa pergunto o que ela espera do futuro, e ela me respondeu que acredita que as coisas irão melhorar. Então percebi que debaixo da pobreza, do medo, do sofrimento, há uma grande esperança em dias melhores. Que o que já era difícil e piorou muito mais com a pandemia, vai melhorar, e os sonhos continuam vivos.



O LUGAR QUE NINGUÉM VER

Por Gerlene Araújo

Dentro da comunidade do Caju, bairro situado na zona portuária do Rio de Janeiro, encontra-se um local isolado no Parque Conquista, desconhecido pelos próprios moradores da região. Com o nome de Rua Boas Vindas, o local também é conhecido como buraco, chorume ou "barracos. De frente para o valão em meio a muita lama, e insalubridade, pessoas moram em barracos de madeira onde a ajuda do governo não chega.

Encontramos também, neste local, lindas histórias de pessoas batalhadoras que lutam para sair dessa condição de vida. E em meio a tantas histórias, irei destacar a de uma mulher mãe que, abandonada por seu companheiro, sem trabalho e sem renda para manter seu aluguel, construiu sua própria casa com madeira, e por isso, inicialmente deixou sua filha com o pai, para em seguida, ao se instalar nos barracos leva-la para morar consigo, elas já residem há oito anos no local. Hoje, casada novamente, com mais um filho, está desempregada e com dificuldades de conseguir emprego. O fato de ter filhos pequenos e ter baixa escolarização dificulta ainda mais sua entrada no mercado de trabalho.

Para construir seu barraco, que eles mesmos tiveram que fazer a instalação da água, e luz, que é muito instável, e não há saneamento básico, e os resíduos caem dentro do valão em frente as suas casas. O espaço é muito pequeno, não tem banheiro, e toda a sua família precisa tomar banho na casa da sogra.

Observo que se sentem muito discriminados em relação ao local de moradia, pois durante a entrevista relatou-me que sofreu preconceitos várias vezes dentro da comunidade. Sente que o fato de morarem ali e não possam nem se quer andar limpos, pois as pessoas já acham que eles não saem daquele local porque não querem.

A ajuda do governo em relação às condições de moradia, não chega! Durante a pandemia, a situação de pobreza só piorou. As dificuldades aumentaram porque eles vivem da reciclagem e seus ganhos caíram muito. Seu esposo, que é catador em uma usina de reciclagem, também traz, da aérea de despejo, alimentos que promovem o sustento da família e, por isso, não falta o que comer na sua casa. É necessário que ele faça isso porque o que recebe no trabalho de reciclagem e o bolsa família não são suficientes para as despesas da casa. Ressaltou que, durante a pandemia, recebeu ajuda de alguns projetos sociais do Caju, mas, do governo não recebeu nada além do Bolsa Família.

Também durante a pandemia, a mulher em questão teve um filho que nasceu prematuro, devido a pré-eclâmpsia desenvolvida na gestação. Ao receber alta do hospital, depois de um tempo internada com o bebê, ela menciona que os médicos fizeram várias prescrições e ela por várias vezes se questionava como conseguiria morando em um lugar tão sujo, sem banheiro que não oferecia nenhuma condição para aquela criança.

Ela diz não querer voltar a estudar, pois o que quer mesmo é que seu filho cresça para que ela possa voltar a trabalhar e sair daquele lugar. Menciona que é um ambiente muito sujo, que viver em barraco é muito difícil. Quando chove a água escorre pelas madeiras, e eles só conseguem dormir porque já estão acostumados com essa condição de vida.

Sobre o futuro, diz esperar por dias melhores, que as coisas mudem e que eles possam sair do local, que não é lugar para ninguém viver. A indignação com o governo, que não olha pelos que realmente necessitam é constante em suas falas assim como podemos ver nas indagações colocadas por ela:

Como pode um lugar dentro de nossa comunidade e muitos não conhecerem?

Será que as pessoas estão tão focadas em si mesmas que não vem o próximo?

E é com história que ressaltamos a importância de se pensar e debater sobre os direitos que os cidadãos possuem, levando em consideração que apenas uma pequena minoria hoje é privilegiada. Faz-se necessário pensar políticas públicas que viabilizem proteção, e amparo às famílias mais pobres para que ninguém precise passar pelas situações como as vividas aqui. Precisamos lutar por condições de vida mais justas e igualitárias para todos e todas.



A VIDA É FEITA DE ESCOLHAS E EU ESCOLHI SER FELIZ!

Por Jéssika Mota

“Se eu pudesse definir minha trajetória em uma palavra esta seria coragem. Mediante a tudo que eu já enfrentei na vida sinto orgulho da pessoa que me tornei”. Assim inicia a história de uma mulher que há 3 anos, após 3 décadas de vida, assumiu um relacionamento homossexual. Ela que na época tinha um filho adolescente e morava com sua mãe, teve que enfrentar muitas dificuldades para vencer o preconceito e vivenciar de fato o amor. Sua mãe a expulsou de casa logo no início, pois não aceitava sua relação, chegando até mesmo a agredi-la verbal e fisicamente. Porém, a mulher que escolheu ser feliz não se deu por vencida e com a ajuda do irmão, e o apoio da irmã e do próprio filho, se reergueu e não permitiu que as críticas fossem maiores que sua força de vontade.

No auge da pandemia do covid 19, ela tinha saído de casa há menos de 1 ano, e diz que o isolamento social foi algo que proporcionou mais aproximação com sua companheira revelando ainda mais o desejo de construir uma vida juntas. Sobrevivendo de trabalho informal com ajuda de cestas básicas e auxílio emergencial ela e sua companheira conseguiram transpor as barreiras e montar sua casa própria que ainda estão pagando. Atualmente, ela trabalha de carteira assinada e sonha em poder quitar sua casa, mudar de profissão. Para o futuro, ela e sua companheira esperam morar em uma casinha modesta no interior de Minas onde possam viver em meio à natureza.

Para ela a vida não teria sentido algum se ela continuasse se escondendo atrás de estereótipos impostos pela sociedade, e como relata não se define dentro de parâmetros. Se pudesse definir sua sexualidade, diria: “gosto de pessoas”, não se importando com o que dizem sobre se ela. Daqui a 5 cinco anos falaria pra si mesma: “Eu me orgulho da mulher que me tornei”.



MULHER CRIA DE FAVELA PODEROSA LINDA E BELA

Por Gilda Freire

Agora um conto eu vou dizer.
E vocês vão conhecer.
Uma mulher forte de verdade.
Cheia de autoridade.
Quando assunto é ser mãe
Ela, mostra capacidade.

Esta mulher linda, de quem eu vou falar.
É feita de grandes lutas e histórias para contar.
Homem com ela não tira onda, não.
E precisa nem tentar.
Não aceita menos do que merece, ela se garante.
Essa mulher é de favela, ela é gigante!

Da favela é ela cria.
É mãe solo de corpo alma e coração.
Carrega a força de viver tem um grande coração.
Mora no Caju. Quatro filhos e três netos são sua motivação.
Trabalha de doméstica com muita dedicação.
Da profissão tem muito orgulho foi escolha e não por falta de opção.

Uma mulher cheia de energia, com alegria de viver.
Estampa no sorriso o desejo de vencer.
Nada a desanima.
Dona de uma grande história que agora vou falar.
Ela é nordestina veio lá do Ceará.

Uma mulher de tamanha grandeza.
Já passou por tanta coisa, não pode desanimar.
Teve relacionamentos abusivos, decidiu se separar.
Por escolha própria sozinha quer ficar.

Antes da pandemia, trabalhava cinco dias da semana sem se preocupar.
O dinheiro dava para as contas pagar.
Quando esse vírus no Brasil se instalou.

Uma das patroas logo se assustou.
E mais que depressa, a guerreira dispensou.

Outra patroa não quis se arriscar.
E logo resolveu seu trabalho dispensar,
Ficou mais difícil, mas mulher de favela é ruim desanimar.
Na calma ela se matem, ficar nervosa não lhe convém.

Pagando aluguel e os filhos sem estudar.
As despesas agora eram maiores e ajuda foi buscar.
Se cadastrou nas ongs da comunidade pra cestas arrecadar.
E os filhos alimentar.

Recebeu ajuda durante toda pandemia, que já melhoraria.
Mas segura ela foi ficando.
Essa mulher é muito forte.
O que vocês estão pensando?

Morando numa casa bem pequena, sem pode sem isolar
No meio da pandemia, veio a se contaminar.
O vírus a pegou.
E doente ela ficou.
Não tinha opção.
Dormia com os filhos no mesmo colchão.
Sua fé era grande.
Era única solução.

Mulher alegre, batalhadora, escolheu a vida explorar.
Vive de forma leve gosta ê de beber e dançar.
Seu brilho é intenso, ela faz a gente rir só em conversar.

Esse conto vou terminar.
Dessa mulher tão exemplar,
Forte para danar.
Que veio do Ceará.
Para no Caju morar.
E na nossa cartilha sua história registrar. FIM



ATIVIDADE: **DA FAVELA E DO ASFALTO - CONHECENDO A REDE DE PROMOÇÃO E PROTEÇÃO ÀS MULHERES**

Formadora: Karina Avelar

Acreditamos que somos mais fortes quando nos unimos e o Complexo de Favelas do Caju tem muita gente incrível, projetos e equipamentos públicos comprometidos com a garantia e o acesso aos direitos sociais. Para entendermos melhor como tudo isso funciona foi conduzida uma atividade para o reconhecimento das redes de proteção e promoção de direitos e as estratégias comunitárias/coletivas para potencializar o acesso das(os) cidadãs(ãos). Como foco, direcionamos a atividade para as mulheres em situação de violência doméstica e familiar, trazendo a luz da discussão a realidade e particularidades da mulher da Favela e o que representa para esta os serviços disponíveis para proteção e justiça no Estado do Rio de Janeiro.

Foi fundamental para a realização da atividade que não nos limitássemos ao “denuncie” e ao sistema judiciário para as situações de violência contra a mulher, por isso, conhecer quais são os serviços “Não Especializados”, mas que são importantes porta de entrada e têm potencial para romper o ciclo da violência e, que estão no cotidiano dessas mulheres. Isso possibilitou que as agentes sociais desenhassem um caminho de acolhimento e promoção para as mulheres do Caju. Os serviços dispostos, em sua maioria, ficam no território da mulher, as Agente Sociais os chamaram de **Rede na Favela**. Observamos que essa rede pode vir a ser único local que a mulher irá acessar, são: as relações comunitárias de solidariedade e sociofamiliar, serviços de saúde, serviços de assistência social, educação, projetos sociais (ONGs).

Veja que na Rede da Favela não estão sendo considerados apenas os equipamentos, serviços públicos e os projetos sociais, vamos além, acreditamos que as Associações de Moradores, Igrejas, Escolas, Famílias e Amigos devem fazer parte dessa rede e que é nosso dever fomentar sua participação no enfrentamento à violência contra a mulher e no apoio as mulheres que se encontram em situação de violação de seus direitos.

Entretanto para conhecimento do funcionamento e de toda a potencialidade da Rede, para além do oferecido à nível territorial (local), a formação deu continuidade ao estudo dos “Serviços Especializados” de atendimento às

mulheres na cidade do Rio de Janeiro. Como diferencial, as Agentes Sociais foram provocadas a pesquisarem esses serviços e instituições e dizerem se eram de fácil acesso para as mulheres do Caju e se elas se sentiriam bem em acessá-los, levando ainda em consideração a realidade local, no que tange, a violência urbana de grupos civis armados.

Constataram em suas pesquisas que os Serviços Especializados estão fora da Favela e assim chamaram estes de **Rede no Asfalto**. Acredita-se que algumas mulheres possam ter resistência para acessar alguns dos equipamentos (que serão listados a seguir), mas ao longo da formação trabalhamos na perspectiva de que o acesso à informação de qualidade é fundamental, assim como estratégias de como tornar a recepção das mulheres nesses serviços menos engessada. Para tal, não adianta apenas dizer que o serviço existe, passar o endereço e telefone e dizer: busque ajuda! É preciso que a Rede do Território seja um apoio.

Para ser apoio foram realizados alguns estudos de casos, exemplificando situações de violência. A partir dessas apresentadas algumas estratégias:

- Estabelecer uma relação respeitosa e de confiança;
- Observar se há risco a vida;
- Construir com as mulheres (e não para as mulheres) um plano de segurança;
- Verificar e respeitar os interesses das mulheres no momento de escuta;
- Apresentar o que temos (ver rede a seguir) e como (quem) podemos apoiar.

A seguir, apresento de forma resumida, o passo a passo da atividade, que possibilitou as reflexões supracitadas.

Reconhecendo Redes de Acesso à Garantia de Direitos Sociais e definindo um Fluxo a partir da realidade territorial:

- Passo 1: Pesquisa de Instituições, equipamentos públicos, organizações – ONG, Fundações, Projetos sociais. Listar principais canais de atendimento, meios de acesso e serviços.
- Passo 2: Verificar se os serviços/projetos/instituições pesquisados serão aceitos e acessados pela comunidade (Caju) e para as pessoas que estão em situação de violação de direitos.
- Passo 3: Descobrir o vínculo das instituições e o fluxo de atendimento (como chegar?). Construir um fluxo de atendimento detalhado para cada violação de direitos. Aqui é fundamental conhecer os serviços e equipamentos, para saber como mandar a pessoa que teve seu direito violado ou está em busca de efetivação dos seus direitos em segurança. Além disso, garantir um encaminhamento correto para que a pessoa não fique circulando por vários locais e re(contando) sua história e trajetória diversas vezes.
- Passo 4 (construindo redes, mobilização comunitária e acesso à informação). Encontrar formas de divulgar as informações para as mulheres.

A partir do desenvolvimento da atividade acima as agentes sociais desenharam uma rede, representada a seguir, e os respectivos fluxos de entrada para os serviços. Acreditamos com essa construção que quanto mais mulheres souberem os pontos de fortalecimento e apoio, entendidos aqui como as Redes na Favela, mais mulheres conseguirão acessar as Redes no Asfalto, cientes de como chegar e do que podem conseguir de acolhimento, suporte e justiça nesses locais.

Importante ressaltar que essa atividade não reduz ou desconsidera o fundamental papel dos Serviços Especializados de Atendimento às mulheres destinados pelo poder público, apenas identificam suas fragilidades e a partir daí tentam criar estratégias comunitárias para potencializá-los, sempre respeitando a autonomia dos sujeitos envolvidos e de sua segurança.

FLUXO DE SERVIÇOS PARA MULHERES DO CAJU EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Da comunidade



Está em situação de violência ou conhece alguém que esteja? Nesses serviços você pode chegar direto. Ficam aqui na Comunidade mesmo, ou bem pertinho.

Serviços de Proteção/Atenção básica

CRAS 15 de maio

📍 Rua Gen. Sampaio, 74 - Caju
☎️ (21) 3895-8668 • (21) 3162-4122

Centro de Referência de Mulheres

📍 Rua 17, s/n - Vila do João - Maré
☎️ (21) 98202-1060 • (21) 98485-7197

Fundação Gol de Letra

📍 Rua Carlos Seidi, 1141 - Caju
☎️ (21) 98202-1060 • (21) 98485-7197

CMS Fernando Antônio Braga Lopes

📍 Rua Carlos Seidi, 785 - Caju

Do asfalto



Nesses serviços é só chegar também, mas vai precisar pegar uma condução. Se precisar chama uma amiga, ou a presidente da associação da sua comunidade, a líder da sua igreja ou alguém da rede da Comunidade.

Serviços de Referência no Atendimento A Mulher Vítima de Violência

CEAM Chiquinha Gonzaga

📍 Rua Benedito Hipólito, 125 - Praça Onze
☎️ (21) 2517-2726 ☎️ (21) 98555-2151

CIAM Márcia Lyra

📍 Rua Regente Feijó, 15 - Centro
☎️ (21) 2332-7200

CREAS Simone de Beauveir

📍 Rua da Carioca, 72 - Centro
☎️ (21) 99241-6489

Saúde / Justiça / Segurança

Defensoria Pública

NUDEM - Núcleo Especial de Defesa dos Direitos da Mulher

📍 Rua do Ouvidor, 90 - 4 andar - Centro
☎️ (21) 2526-8700 ☎️ (21) 97226-8267

NUDIVERSIS - Núcleo de Defesa dos Direitos Homoafetivos e Diversidade Sexual

📍 Av. Rio Branco, 147 - 12 andar - Centro
☎️ (21) 2332-6186 • (21) 2332-6344 ☎️ (21) 97439-4437 • (21) 96551-3809

DEAM

📍 Rua Visconde do Rio Branco, 15
☎️ (21) 2332-7200

Hospital Maternidade Fernando Magalhães

📍 Rua Gen. José Cristino, 87 - São Cristóvão
☎️ (21) 3878-1498 • (21) 3878-2327



Aqui já não dá para você chegar sozinha. Mas esses caminhos podem te ajudar a chegar lá se for preciso.

CEJUVIDA

📍 Rua Dom Manoel, s/n - Centro
☎️ (21) 3133-3894

SALA LILÁS

📍 Av. Francisco Bicalho, 300 - Centro

CASA NEM

📍 Rua Dois de Dezembro, 9 - Flamengo
☎️ (21) 9888-0032

Abrigos:

Casa Viva Cora Coralina

Casa Abrigo Lar da Mulher

Pretendemos com esse trabalho organizar uma rede de apoio e amparo as mulheres, com locais de atendimento próximos ao Caju e de fácil acesso para que elas se sintam ouvidas e acolhidas. Sabe-se que em primeiro momento ao sofrer algum tipo de violação, a orientação mais correta seria encaminhar as autoridades acionando a polícia nas delegacias especiais da mulher, porém na maioria dos casos esse processo fica inviabilizado pela ameaça de represálias do tráfico de drogas.

Por isso é necessário que a pessoa que esteja orientando essa mulher tenha sensibilidade para ouvir e encaminha-la a serviços que possam acolher da melhor forma sem que haja risco de vida para ela e para os seus parentes, trazendo clareza de todo o processo a ser realizado e suas implicações na sua vida cotidiana. (Jéssika Mota, Jaqueline Feitosa (Aline), Jessiane Fonteneles)

Outro ponto fundamental e resultado dessa atividade foi listar as instituições e explicá-las de forma a ampliar suas potencialidades, com isso, você pode ver a seguir a lista dos equipamentos e instituições mencionados acima.



REDES NA FAVELA

CRAS 15 DE MAIO

Tem uma equipe preparada para te escutar e orientar no que fazer em momentos de violência contra a mulher. Também pode promover atividades de promoção das mulheres.

Tel.: (21) 3895-8668 | (21) 3162-4122

Rua General Sampaio, 74 – Caju – Rio de Janeiro, RJ

CMS FERNANDO ANTÔNIO BRAGA LOPES

Lá tem o NASF (Núcleo de Atendimento à Saúde da Família), com Assistente Social, Psicólogo e Médicos que poderão te escutar e orientar em situações de violência. Quando chegar na unidade de saúde com um caso de violência contra a mulher e não se sentir bem para explicar a situação na recepção peça para falar diretamente com a Assistente Social ou Psicóloga e diga que é um caso sigiloso. Não saia de lá até conseguir falar com essa equipe.

Rua Carlos Seidl, 785 – Caju – Rio de Janeiro, RJ

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA

Aqui você pode encontrar Assistentes Sociais que vão te escutar e orientar em casos de violência contra a mulher. Também tem projetos para seus filhos(as), para você e seus familiares.

Nós Agentes Sociais também estamos aqui para vocês e podemos ser sua rede de solidariedade.

Tel.: (21) 98202-1060

@goldeletrabr

Rua Carlos Seidl, 1141C – Caju, Rio de Janeiro, RJ

CENTRO DE REFERÊNCIA DE MULHERES DA MARÉ - CARMINHA ROSA

Realizam um trabalho de atendimento a mulheres em situação de violência doméstica, além de oferecerem acompanhamento psicossocial, atividades coletivas, oficinas e cinedebates.

Tel.: (21) 3104-9896 | (21) 3938-0904 (wpp)

@crmmmare (instagram)

Rua 17, Vila do João - Maré - Rio de Janeiro, RJ

CENTRO DE REFERÊNCIA PARA MULHERES SUELY SOUZA DE ALMEIDA DA UFRJ

Realizam um trabalho de atendimento a mulheres em situação de violência doméstica, além de oferecerem acompanhamento psicossocial, atividades coletivas, oficinas e cinedebates para mulheres.

Tel.: (21) 39380600 / (21) 3938.0603 (wpp)

@crmssaufRJ (instagram)

Praça Jorge Machado Moreira, 100 Cidade Universitária- Ilha do Fundão- RJ

ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

- **Associação Beneficente dos moradores do Parque São Sebastião**
Rua Luiz Pimenta, nº 01, Caju, Rio de Janeiro, RJ
- **A Nova Associação do Parque Conquista**
Rua União, nº 01, Caju, Rio de Janeiro, RJ
- **União Pró-Melhoramento do Parque Nossa Senhora da Penha**
Rua Leão XIII s/n, Caju, Rio de Janeiro, RJ
- **Associação de Moradores do Parque Boa Esperança**
Rua da Felicidade, nº 33, Caju, Rio de Janeiro, RJ
- **Associação Pró-Melhoramento do Parque Alegria**
Rua Paraíso, nº 74, São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ
- **Associação de Moradores e Amigos da Vila Clemente Ferreira**
Rua Carlos Seidl, nº 813, bloco D, casa 21, Caju, Rio de Janeiro, RJ

REDE NO ASFALTO: SERVIÇOS DE REFERÊNCIA AO ATENDIMENTO A MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Relação dos Serviços Especializados de Atendimento à Mulher em situação de violência doméstica e familiar que são espaços de acolhimento e acompanhamento psicológico e social a mulheres em situação de violência, fornecem orientação jurídica e encaminhamento para serviços médicos ou casas abrigo.

CREAS SIMONE DE BEAUVOIR

Centro de Referência Especializado de Assistência Social é uma unidade da Assistência Social que atende pessoas que vivenciam situações de violações de direitos ou de violências. Ele faz parte da rede de serviços multiprofissionais de referência no atendimento a mulheres vítimas de violência. Sua atuação é fundamental para a garantia da proteção e acompanhamento das mulheres. O atendimento do CREAS funciona da seguinte forma: a mulher será acolhida e atendida por uma equipe formada por um assistente social e um psicólogo – tudo é feito em sigilo absoluto. A primeira etapa do atendimento é a escuta qualificada para entender a situação pela qual a mulher está passando; a partir desse entendimento, a equipe saberá qual o melhor caminho a ser seguido para garantir a proteção da mulher em situação de violência.

Rua da Carioca, 72 – Centro – Rio de Janeiro, RJ
Tel. (21) 99241-6489

MOVE MULHER

A Prefeitura do Rio, por meio da Secretaria Especial de Políticas e Promoção da Mulher, lançou o **Cartão Move-Mulher**, que é um auxílio de passagem nos transportes para mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Poderão ter acesso ao benefício mulheres:

- Em situação de violência doméstica ou familiar que sejam atendidas/acompanhadas pelo Centro Especializado de Atendimento à Mulher Chiquinha Gonzaga, Casa da Mulher da Carioca Dinah Coutinho e Casa da Mulher Carioca Tia Doca e que necessitem de acompanhamento contínuo.
- Que comprovem residência na cidade do Rio de Janeiro.
- Com 18 anos ou mais, com a exceção de mães adolescentes.
- Que comprovem renda familiar per capita mensal de até meio salário-mínimo.

CEAM CHIQUINHA GONZAGA (CENTRO ESPECIALIZADO DE ATENDIMENTO À MULHER CHIQUINHA GONZAGA)

Um equipamento público que faz parte da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres. Aqui você encontra atendimento com Assistente Social, Psicólogos e Orientação Jurídica. Além de grupos para refletir sobre a situação das mulheres e da violência doméstica e alienação parental. Oferece também algumas oficinas formativas em parceria com outras instituições.

Tel.: (21) 2517-2726 | (21) 98555-2151 (wwp)

Rua Benedito Hipólito, 125 Centro Rio de Janeiro - Praça Onze

CIAM MÁRCIA LYRA (CENTRO INTEGRADO DE ATENDIMENTO À MULHER)

Um equipamento público que faz parte da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres. Aqui você encontra atendimento com Assistente Social, Psicólogos e Orientação Jurídica.

Tel.: (21) 2332-7200

Rua Regente Feijó, 15 - Centro Rio de Janeiro

HOSPITAL ESPECIALIZADO: HOSPITAL MATERNIDADE FERNANDO MAGALHÃES

Unidade de saúde funciona com atendimento em casos de violência sexual e física, referência para a realização do aborto legal. Fica próximo do Caju e é um local seguro e com profissionais qualificados, contam com a equipe de segurança para intervir em casos específicos acionando a delegacia mais próxima se necessário. O atendimento inicial se dá na emergência, a enfermagem fará a escuta e acolhimento inicial.

Rua General José Cristino, 87, São Cristóvão.

Tel. (21) 3878-1498 / (21) 3878-2327

DEFENSORIA PÚBLICA

NUDEM - Núcleo Especial de Defesa dos Direitos da Mulher

Atendimento a mulheres vítimas de violência, que precisam de orientação e representação de advogadas(os) e não têm condições financeiras para pagar.

Rua do Ouvidor, 90, 4º andar – Centro – Rio de Janeiro

Tel.: (21) 2526-8700 | (21) 972268267 (wpp)

Nudiversis - Núcleo de Defesa dos Direitos Homoafetivos e Diversidade Sexual

O Nudiversis atua na defesa individual e coletiva dos direitos dos cidadãos LGBT tem a função de auxiliar e dar suporte aos Defensores Públicos em atuação em todo o Estado do Rio de Janeiro nos casos que cuidem de direitos das pessoas LGBT.

Avenida Rio Branco, 147, Andar:12º Andar, Centro, Rio de Janeiro

Tel.: (21) 23326186 | (21) 23326344 | (21) 974394437 (wpp)

(21) 965513809 (wpp)

DEAM – DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ATENDIMENTO À MULHER

Fazem parte da estrutura da Polícia Civil e são encarregadas de realizar ações de prevenção, investigação e enquadramento legal. Nessas unidades é possível registrar o Boletim de Ocorrência (B.O.) e solicitar medidas protetivas de urgência nos casos de violência contra a mulher.

Sabemos como pode ser um ambiente não acessível para as mulheres do nosso território, mas considerando que alguns serviços de proteção podem ser acessados mediante o registro da ocorrência é fundamental que as mulheres tenham conhecimento do que está disponível na delegacia e como acessar. Você pode solicitar falar com uma profissional mulher, se isso facilitar que conte sobre a violência, caso seja muito difícil ou encontre resistência, procure alguns dos equipamentos da Rede na Favela, eles vão te ajudar a passar por aqui.

Tel.: (21) 2332-9998

Rua Visconde do Rio Branco, Centro – Rio de Janeiro, RJ.

CEJUVIDA - CENTRAL JUDICIÁRIA DE ACOLHIMENTO DA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DE DOMÉSTICA

A CEJUVIDA atua junto ao Plantão Judiciário no acolhimento de mulheres vítimas de violência doméstica. Ele é integrado ao CEAM e DEAM, integrando apoio a juízes e delegados de polícia, que fora do horário precisam garantir o encaminhamento emergencial e seguro de mulheres e seus filhos menores de idade às casas-abrigo.

A equipe funciona em plantão judiciário, das 18h às 11h nos dias úteis e nos finais de semana e feriados o funcionamento é 24h.

Rua Dom Manoel, S/N - Centro – Rio de Janeiro, RJ

Tel. (21) 3133-3894 (wpp)

SALA LILÁ (IML)

Presta atendimento às mulheres vítimas de violência física e sexual e busca humanizar o atendimento a elas em um momento tão difícil de violação dos seus corpos, realiza exames periciais, tem equipe multidisciplinar de policiais, assistentes sociais e enfermeiras. A mulher é encaminhada para atendimento através da Delegacia de Polícia pelo perito.

Avenida Francisco Bicalho, nº 300 – Centro – RJ.

ABRIGOS PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA E RISCO À VIDA

Reunimos aqui informações sobre como se proteger quando a situação de violência gera risco a vida das mulheres. Um desses locais acolhe mulheres LGBTI+ e os outros dois são sigilosos e podem ser acessados através de alguns Serviços Especializados citados acima.

Sabemos que não é a situação ideal para muitas mulheres sair de casa, deixar para trás seus pertences e viver escondida por um tempo, longe de seus familiares, amigos e redes de solidariedade. Mas às vezes pode ser a única solução possível para o problema e possibilitar um rompimento do ciclo da violência doméstica. Procure Ajuda!

CASA NEM

Coletivo radical, anticapitalista, vegano, queer e feminista para acolhimento LGBTI+. Realizam o acolhimento para abrigar a população LGBTI+ em situação de vulnerabilidade social, desenvolvem atividades voltadas para cultura, capacitações, cursinho preparatório para o vestibular e oportunidades de encaminhamento para o mercado de trabalho.

Rua dois de dezembro, 9 – Flamengo, Rio de Janeiro, RJ.

Tel.: (21) 98880032

CASA VIVA CORA CORALINA

Esse abrigo, faz atendimento de mulheres vítimas de violência doméstica e está vinculado a Subsecretaria Especial de Atenção a Mulher, por essa razão sua localização é sigilosa e tem acesso restrito.

O abrigo oferece moradia, alimentação, transporte, assistência social e atividades socioeducativas, para as mulheres seus filhos e suas filhas, que estejam em risco de morte decorrente da situação de violência doméstica. Durante o acolhimento, cada família permanece no serviço durante um período de seis meses ou até que possam restabelecer sua vida, quebrando o ciclo de violência.

CASA ABRIGO LAR DA MULHER

O Lar da Mulher funciona 24 horas, em local sigiloso no Rio de Janeiro, como residência temporária de até seis meses, com capacidade para abrigar 60 pessoas, entre mulheres e crianças. A casa possui 15 quartos, salas de atividades e berçário, dispostos numa área de 1.300 metros quadrados. Ações, como grupos de reflexão, atividades lúdicas e relaxamento ajudam essas mulheres a reconstruírem seus laços familiares e de amizade, em geral dilacerados após se afastarem de casa por medo do agressor. Elas são encaminhadas por centros de referência de atendimento à mulher, outros abrigos, ordem judicial ou delegacias legais.

Se você precisa de ajuda para sair de uma situação de violência doméstica, esses são os dois caminhos diretos para chegar ao Lar da Mulher:

- CEAM Chiquinha Gonzaga,
na Rua Benedito Hipólito, 125 (térreo), Praça Onze.
- Plantão judiciário Cejuvinda
R. Dom Manuel, 37 - Centro, Rio de Janeiro,
de 18h às 11h.
- CIAM Márcia Lyra
(Centro Integrado de Atendimento à Mulher)
Rua Regente Feijó, 15 - Centro Rio de Janeiro
- DEAM - Rua do Ouvidor, 90, 4º andar
Centro – Rio de Janeiro, RJ.
(Perto da Praça Tiradentes)

Há, ainda, uma rede de proteção à mulher, que inclui o Ministério Público do Rio de Janeiro, hospitais e justiça que podem indicar a entrada da mulher para o abrigo.

Tel.: (21) 2334-3910

DISK 180
Central de Atendimento à Mulher

DISK Patrulha Maria da Penha
Tel.: (21) 975858443 ou (21) 990630332

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados das experiências formativas obtidas, mediante o trabalho formativo ao longo do segundo semestre do ano de 2021, observamos a partir das trocas e atividades práticas, que a Lei Maria da Penha, dentre outras formas de apoio, são importantes instrumentos a serem lapidados no cotidiano das mulheres de Favela, que sua efetivação só será possível com estratégias coletivas de mobilização comunitária e de apoio mútuo entre equipamentos públicos e organizações da sociedade civil organizada com a participação popular (lideranças comunitárias e moradoras(es)).

Por isso, foi fundamental com esse trabalho não apenas falar sobre violência contra a mulher e como se expressa no cotidiano com os marcadores estruturais e históricos de gênero, raça e classe. Mas também trabalhar formas de enfrentamento que fossem reais no contexto das mulheres moradoras do Complexo de Favelas do Caju, reconhecendo as potencialidades existentes e formas de envolvimento dos atores da Favela.

Reforçamos que o acesso à informação, o conhecimento das tipologias da violência e como se configuram, dos equipamentos de proteção e como acessá-los é de extrema importância. Além do reconhecimento dos limites colocados pela formação e correlação de forças territoriais às políticas de proteção às mulheres. Com isso, esperamos fomentar as reflexões sobre as estratégias de como superar as barreiras subjetivas e objetivas que se materializam na vida das mulheres e suas vivências/experiências.

A pandemia, portanto, não poderia ficar de fora desse processo formativo. Considerar o momento mais devastador da nossa era para as mulheres fez-se de extrema importância, inclusive para reconhecer que muitas das desigualdades que se fizeram visíveis durante o período pandêmico já fazem parte do cotidiano das mulheres, mulheres negras e moradoras de favelas e espaços populares desde a formação das cidades.

Assim temos o dever de manter esta cartilha viva e a discussão em pauta. E, “em briga de marido e mulher, a gente defende a mulher” e motiva o trabalho de formação das agentes a pensar suas práticas e participações comunitárias de forma a potencializar as mulheres, garantindo acesso à informação, uma rede de solidariedade e formas de enfrentamento que sejam construídas coletivamente no seio da comunidade (favela), para que assim, o asfalto, por vezes inacessível, torne-se uma possibilidade para nossas mulheres.

Acreditamos, nestas linhas, que a “educação como prática da liberdade” (HOOKS, B. 2017) possibilita novos modos de pensar, agir e respeitar o outro com suas diferenças, trabalhando na perspectiva da mudança para superar quaisquer violações. Desse modo, a melhor forma de combater a violência contra a mulher é por uma práxis revolucionária, que considere as experiências delas como centrais, construindo uma comunidade com compromissos partilhados em prol de um bem comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES DE PESQUISA

A SOBRECARGA DAS MULHERES NA PANDEMIA.

<https://www.futura.org.br/a-sobrecarga-das-mulheres-na-pandemia/>

SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia.

<https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>

Curta Documentário: Covid nas Favelas.

<https://www.youtube.com/watch?v=9Z8xn8nMLx4>

A Vida não é Útil de Ailton Krenak.

Texto: O amanhã não está a venda

SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia.

<https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>

Visível e Invisível: A vitimização de Mulheres no Brasil.

<http://www.iff.fiocruz.br/pdf/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>

Violência Doméstica: pandemia tornou lar ambiente ainda mais hostil.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2021-06/violencia-domestica-pandemia-tornou-o-lar-ambiente-ainda-mais-hostil>

Economia do Cuidado: como podemos visibilizar

o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado?

<https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>

<https://atlas-da-violencia-2021.htm>

LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006 - Maria da Penha

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade.

2. e.d. São Paulo: editora WMF. 2017.



Patrocínio

